

GLOBALIZAÇÃO

Paula Regina de Jesus Pinsetta Pavarina
Professora Assistente Doutora do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas
Públicas da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP/Franca

Apresentação

Este capítulo oferece um debate introdutório sobre o processo de globalização, contemplando algumas reflexões sobre o processo de “tornar-se global”, na verdade, apresenta-se mais dúvidas do que certezas.

Tudo parece ser pretexto e efeito do processo de globalização. Com isto, o termo se esvazia, correndo o risco de querer explicar muito com pouco. Parece ser causa para todos os males e ao mesmo tempo solução ou oportunidade para todos os problemas. Em que pesem os diferentes debates, todos concordam, pelo menos, que este processo relaciona-se a dois aspectos: (1) é um fenômeno de relevância na contemporaneidade, em curso (talvez) há tempos e modificado na atualidade; e que (2) apresenta um perfil multidimensional, quando avaliado em função de suas causas ou consequências. Se muitas são as globalizações, vivenciadas profissional e pessoalmente, cada agente a apreende de diferente maneira¹.

Muito embora não seja objetivo esgotar o assunto, este capítulo tem a aspiração de auxiliar o(a) leitor(a) na construção de um pensamento pessoal sobre o assunto. Para tanto, apresenta uma primeira seção que envolve a discussão sobre o conceito de globalização, contrapondo-o à dimensão “local”, partindo de um escopo analítico econômico. Oferece, posteriormente, uma síntese do processo exclusivamente econômico e, também, a influência da Economia na globalização social e cultural em curso.

¹ Tendo em vista a formação acadêmica da autora na área de Economia, o viés analítico do capítulo resulta em uma análise que contempla linhas claramente “economicistas”. Pela própria dimensão do capítulo, nem todos os conceitos econômicos apresentados puderam ser amplamente comentados. Assim, fica o convite ao leitor para posterior pesquisa bibliográfica.

A título de início: a globalização e o “local”

Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.

Saramago (1998)

Esta seção compreende uma apresentação inicial sobre o processo de globalização, a qual servirá de guia a pensamentos e debates subsequentes. Não se aspira apresentar ou rever definições ou conceitos, uma vez que cada autor oferece sua reflexão pessoal sobre o processo e seria pretensão demais procurar sintetizá-las, pois tamanha complexidade não caberia em um capítulo e sequer em um livro.

O termo globalização carece de um conceito absoluto, concreto ou unívoco. Cada pesquisador, autor, leitor ou agente participa deste processo com vivências próprias e, muitas vezes, confunde seu particular com a compreensão do todo, e também a vivência das consequências com as suas causas. As pessoas percebem as implicações do fenômeno, sem conhecer ou compreender sua origem ou ter uma clara dimensão dos efeitos em cadeia. A percepção sobre um evento cotidiano (como no caso de um aumento no preço do pãozinho) pode ser resultado de uma multiplicidade de fatores (desde oscilações de preço do trigo no mercado internacional, questões políticas envolvidas com negociações bem ou mal sucedidas em acordos internacionais, até imposição de hábitos alimentares com resquícios coloniais e um modo de vida baseado na alimentação rápida (*fast food*)). O local – o cotidiano – torna-se palco para uma sucessão de eventos que ocorrem em escala global.

Na ausência de um consenso, a compreensão da globalização polariza o debate em dois lados: os estudiosos de “descrições objetivas do fenômeno” ou “baseadas na realidade concreta”, e as “de natureza ideológica” ou prescritiva em termos de orientação da condução política (RICUPERO, 2001, p. 28-29). Ainda que a pluralidade de causas e consequências seja evidente, para alguns há um reducionismo aos aspectos econômicos. Neste caso, o processo seria

[...] sinônimo de intensificação do intercâmbio econômico e da interdependência como fruto da liberalização da economia mundial [...], por meio da eliminação ou redução de barreiras à circulação de mercadorias, financiamentos e inversões.

Segundo esta perspectiva, são assimiladas ou incorporadas somente as alterações mais visíveis, materiais ou palpáveis (a produção e o consumo, por exemplo), deixando de lado aquelas áreas de compreensão mais intangíveis ou invisíveis: a cultura, as mudanças sociais e os aspectos políticos.

Entendida em perspectiva ampliada, apresenta-se uma compreensão singela, entremeada de complexa significância: a globalização envolve a ideia de “[...] alargamento de todos os contextos” (SANTOS, 2008, p. 18), uma expansão dos limites analíticos propostos tradicionalmente pela geografia e pela história. Trata-se de

[...] um processo multidimensional em que estão em contínuas e complexas interações e mútuas dependências a economia, as finanças, o mercado, a política, as relações pessoais, os sistemas de informação e comunicação, a ciência e a tecnologia, a cultura, a educação, [...]. (DIAS SOBRINHO, 2005, p. 51).

Esta “poderosa metáfora” descreve “inúmeros processos universais em curso”, que conduzem a um novo paradigma: a coexistência de espaço único enquanto mercado global e a infinidade de lugares produtivos descontínuos na superfície terrestre (BOISIER, 2005, p. 48). Por mercado entende-se não somente o *locus* para o desenvolvimento das atividades econômicas, mas também as sociais, culturais e políticas; assim, o processo de globalização integra realidades diferentes em um espaço único, ainda que se considerem particularidades em termos individuais, empresariais, regionais ou nacionais.

Em um mundo interdependente e conexo, as relações se estabelecem e tomam forma e conteúdo no espaço internacional, aquele compreendido além das fronteiras nacionais. Todos – indivíduos, empresas, governos – são partes integrantes da globalização, ao mesmo tempo como agentes ativos e passivos. Mas por outro lado, as relações cotidianas não são globais, pois incorporam elementos locais na maioria dos processos econômicos ou sociais². O processo abrange, e ao

² Batista Júnior (1998, p.136) ressalva que “[...] os mercados internos continuam preponderantes, sobretudo nas economias maiores. Na economia mundial, a demanda interna dos países absorve cerca de 80% da produção. Responde, também, por 90% dos empregos. A poupança doméstica financia mais de 95% da formação de capital [...]. Os mercados de trabalho permanecem altamente segmentados por políticas restritivas de imigração e barreiras linguísticas, culturais e outros obstáculos à movimentação internacional de trabalhadores. [...] Mesmo no terreno financeiro, a internacionalização dos mercados ainda é relativamente limitada. [...] os mercados de capitais permanecem segmentados por critérios nacionais. O grosso da poupança fica nos países onde é gerada e grande parte dos crescentes fluxos internacionais é

mesmo tempo permite, a intensificação das relações entre agentes diferentes e localmente dispersos, “[...] de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa” (GIDDENS, 1991, p. 69-70 apud IANNI, 1994, p. 151)³. É neste sentido que parece estranho tratar sobre este tema em um livro desta natureza, uma vez que a globalização parece representar, para alguns, o “fim da geografia” e os limites cartográficos ou físicos dos países, estabelecidos a duras penas, parecem pouco importar.

Mas não! Somos todos “cidadãos locais” – muitos sequer nacionais! – “[...] viajantes de proximidades, habitantes do cotidiano” (BOISIER, 2005, p. 50). A maior parte das pessoas no mundo circunda uma área de no máximo 500 quilômetros para viver, estudar, divertir-se, sociabilizar-se. O local, o próximo, interfere diretamente nas pessoas, empresas e instituições, a “[...] realização de seu próprio projeto de vida depende criticamente do que acontece ao longo do tempo em seu entorno cotidiano” (BOISIER, 2005, p. 50). Ainda que se pondere a interferência da instância global, o dia a dia é local. Mas será que existe, de fato, um local, escopo autônomo de compreensão? Não seria melhor considerar o local como “[...] parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e espaço” (GIDDENS, 1991, p. 69-70 apud IANNI, 1994, p. 151)?

É composta a ideia do “glocal”: a relação de interdependência e reciprocidade que se estabelece entre as condições locais e o contexto global. Este aparente contrassenso, ao invés de representar a perda da importância da geografia, a relaciona com particularidades, excentricidades e normas cotidianas, que identificam o local como área distintiva e única. O glocal seria um agente que “[...] pensa global e atua local [...] ou pensa local e atua global [...]” (BOISIER, 2005, p. 50).

Corre-se o risco, por outro lado, da má compreensão sobre esta dicotomia, ao atribuir ao processo de globalização “[...] uma espécie de desculpa para tudo, uma explicação fácil para o que acontece de negativo no país” (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 127). É como se o global determinasse o que acontece no local, oferecendo uma resposta em uníssono, mas “[...] ao contrário do que sugere o fatalismo associado à ideologia da ‘globalização’, o desempenho das economias e o raio de manobra dos

constituída de capitais voláteis, que se movem com rapidez em resposta a mudanças nas condições financeiras e cambiais”.

³ GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

governos continuam a depender crucialmente de escolhas nacionais” (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 182).

Mais do que a noção de soma de eventos, fatos, escopos de análise, a ideia subjacente à globalização é a de produto, resultado das interdependências e inter-relações de caráter multidimensional que se estabelecem. Mais do que a agregação de vários ‘locais’, o global representa uma

[...] matriz tecno-sócio-econômica de alta complexidade, tanto pelo número de seus elementos como pelo número de interações e dialéticas que ela contém. [...] é mais uma metáfora da complexidade do que uma teoria bem estabelecida (BOISIER, 2005, p. 52).

Em suma, a globalização pode ser entendida por meio de uma alegoria que considera um quadro impressionista: ao longe é possível identificar uma figura que, na realidade, é composta por inúmeras partículas, ao observar-se de perto (DOWBOR, 1997, p. 9). Nenhuma das pequenas partes que compõe o quadro pode descrevê-lo em plenitude, mas se não fossem as pequenas pinceladas, não haveria quadro. Ao mesmo tempo, o pequeno ponto de tinta não faz o mínimo sentido dissociado do restante do desenho; seria ponto, não seria quadro. Poderia, enquanto pincelada, pertencer à outra figura. Metáfora da metáfora, o quadro impressionista sintetiza a globalização: inúmeras causas, inúmeras consequências. Incorpora diferentes matizes, cores, formas,

[...] um vasto processo histórico simultaneamente social, econômico, político e cultural, no qual se movimentam indivíduos e multidões, povos e governos, sociedade e culturas, línguas e religiões, nações e continentes, mares e oceanos, formas dos espaços e possibilidades dos tempos. Um vasto processo histórico no qual emergem conquistas e realização, impasses e contradições (IANNI, 1999, p. 64).

E para compreender este processo de globalização, só não se deve afastar tanto da pincelada, ao observar a figura, a ponto de chegar perto de Marte....

Um dos caminhos possíveis: a globalização explicada a partir da economia

Estas mesmas tecnologias que redefinem os nossos *tempos* estão redefinindo os nossos *espaços*.

Dowbor (1997, p. 10)

Um dos debates mais recorrentes envolve a discussão sobre se a globalização vivenciada atualmente compreende um *continuum* ou se representa uma cisão daquela existente ou estabelecida em momentos anteriores. É processo ou fenômeno; particular ao tempo ou que o perpassa? A globalização de hoje pode ser comparada àquela de séculos ou milênios atrás?

Pode-se estar diante de algo que não é novo, nem atual. O entrosamento cultural, social e econômico entre diferentes povos garantiu certo grau de inter-relacionamento entre os agentes desde tempos imemoriais e, na atualidade, estaria em andamento somente um acirramento destas relações. A “[...] globalização das sociedades, em curso nesta altura da história, vinha ocorrendo em décadas e séculos anteriores” (IANNI, 1999, p. 33) e o que teria mudado seria a incorporação da noção de interdependência àquela de inter-relacionamento.

Por outro lado, a velocidade e a facilidade de acesso às melhorias nos transportes e comunicações seriam diferentes daquela antes vivenciada, defendendo-se que a globalização em curso a partir do “[...] fim do século XX pode ser algo muito novo, a despeito da impressão de que parece apenas continuidade” (IANNI, 2007, p. 242). Diante desta abordagem, o que o ser humano vivencia recentemente é um novo capítulo da geografia: o que era considerado nacional, internacional ou global até o século XX modificou-se. Economia nacional, cultura nacional, sociedade nacional ou política nacional: tudo isto faz sentido na atualidade?

Enquanto processo, a globalização expande-se, intensifica-se e generaliza-se, mesmo com obstáculos e interrupções ao longo do tempo. Parece defensável uma periodização⁴, vinculando o padrão atual a um processo que se inicia no século XV, contemporâneo ao fim da Idade Média na Europa e das consequências daí decorrentes: o renascimento cultural, científico e artístico, as unificações nacionais e a conquista colonial. Às grandes navegações seguiu-se a expansão comercial, a busca pela integração mundial econômica, congregando consumidores, produtores e

⁴ Ainda que seja realizada uma periodização, as características destacadas se sobrepõem antes a se sucederem. O que ocorre em algum momento do passado e, portanto, faz parte da história, atinge o futuro tal como uma onda já fraca, arrebatando na praia ou de grande altura no meio do oceano. Desse modo, somente conhecendo o passado pode-se compreender o presente e delinear – talvez – comportamentos futuros. A referência temporal utilizada neste capítulo é estabelecida por Ricupero (2001, p. 30), Batista Júnior (1998, p. 129) e Ocampo (2002a, p. 18).

fornecedores de matérias-primas de diferentes naturezas. “A mercadoria, por vocação, é sedenta de espaço. Da perspectiva econômica, as fronteiras nacionais serviram de demarcação provisória do processo de ultrapassamento do atomismo feudal” (RESENDE, 1997, p. 31).

O capitalismo comercial que se estabelece seria “[...] o único processo histórico que teve alcance verdadeiramente global mas, ainda assim, incompleto” (OCAMPO, 2002a, p. 18), pois incluiu no processo de globalização Estados ou regiões do planeta em papéis distintos: aqueles que souberam impor e aqueles que sofreram a imposição da dominação colonial. Este processo de ‘internacionalização das economias’ e suas consequências imprimiram o papel desempenhado em pleno século XXI pelos diferentes países e forjaram o tipo de desenvolvimento neles estabelecido.

A partir de então, podem ser diferenciadas três fases desta globalização, as quais compõem e ajudam na compreensão do processo atual (OCAMPO, 2002a, p. 18 e seguintes). A primeira, vigente entre o advento da Revolução Industrial no último quarto do século XVIII até a I Guerra Mundial, caracteriza-se pela expansão comercial, fomentada pela grande redução dos custos de transporte, bem como pela expansão das facilidades para movimentação de cargas (simbolizada, sobretudo, pela locomotiva a vapor)⁵. O benefício, apropriado privadamente pelos Estados, foi decorrente das condições favoráveis de comércio internacional neste período, polarizando as relações entre eles, ou seja, “[...] não levou a uma convergência produtiva em escala internacional, tendo estimulado, ao contrário, a consolidação de relações econômicas no interior de impérios” (BAUMANN, 1996, p. 39).

O protecionismo e a sequente diminuição nas trocas comerciais, nos investimentos e no nível de financiamento internacionais foram a tônica do comportamento mundial no período que engloba as duas Grandes Guerras. Sabe-se que “[...] em 1945, no final da Segunda Guerra, ‘a economia mundial tinha perdido em três décadas, entre 1914 e 1945, todas as suas conquistas da globalização’” (RICUPERO, 2001, p. 37).

⁵ Assim, o mundo e a economia internacional “[...] dispõe, há mais de 100 anos, de meios de informação e transporte capazes de sustentar um sistema genuinamente internacional” (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 130). Antes mesmo da I Guerra Mundial, havia uma interconexão dos mercados conhecidos, fluxos de capitais, investimentos internacionais, suportada pela onda liberal que ditava as ideias, os posicionamentos e as políticas econômicas.

Findo o conflito mundial, a emergência de organizações internacionais⁶, que buscam a coordenação de ações isoladas dos países – temendo a explosão de novos conflitos do ponto de vista político, bem como de arroubos protecionistas ou isolacionistas em termos econômicos –, procurou dar novo significado à globalização. A busca por uma regulamentação comum e a emergência de instituições multilaterais, que intencionam diminuir a busca pelo autointeresse e o fomento à cooperação internacional, respaldam o processo desde então, fomentando a estabilidade cambial, financeira e monetária, e o incremento do comércio.

Por fim, a terceira fase do processo contemporâneo instaura-se já no último quarto do século, sendo caracterizada pelo acirramento das condições de competição comercial, financeira e produtiva. Distingue-se também pela mobilidade de capitais – destinados tanto ao movimento especulativo (capitais de curto prazo, notadamente) como a investimentos produtivos (capitais de longo prazo, destinados à instalação ou expansão da capacidade de produção, por meio de empresas multi ou transnacionais). À frente deste cenário encenam-se vigorosas ampliações das trocas econômicas, culturais e sociais. As fronteiras geográficas dos países não representam limites ao processo de trocas, tal como as paredes de um supermercado. Ainda que sujeitos à disciplina e orientação de organismos multilaterais, há de se ressaltar a complexidade das relações de interdependência que se estabelecem entre os agentes – indivíduos, empresas e países.

Ao século XXI, após a expansão física de mercados de bens tangíveis (produtores, fornecedores e consumidores de matérias-primas e produtos e serviços), caberia o papel de gerador e difusor de ideias, informações, inovações ou conhecimentos. Uma globalização não somente de coisas e sim de pensamentos, ideias, linguagens, culturas; “[...] dissolvem-se fronteiras e desenraizam-se as coisas, as gentes e as idéias. Formam-se linguagens globais” (IANNI, 1999, p. 47).

Aliado a esta compartimentalização histórica, que diferencia o ritmo e as características da globalização, impondo-lhe panos de fundos diferenciados, há de se considerar igualmente o papel desempenhado pela tecnologia neste processo temporal.

⁶ Estas instituições foram idealizadas a partir da reunião ocorrida ao final da Guerra na qual emergiram as bases constituintes do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial, do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT – *General Agreement on Taxes and Trade*), da Organização das Nações Unidas (ONU).

A partir da Revolução Industrial, em meados do século XVIII, ocorreram constantes e recorrentes alterações no modo de produção, incorporando modificações na tecnologia e nas técnicas produtivas. O ritmo mais acelerado destas transformações produtivas adentrou no século passado e se caracteriza como grande manifestação globalizante a partir de então.

O modo de produção característico do início do século XX é reconhecido pela sua concepção teórica – o taylorismo – ou aplicação prática – o fordismo, inicialmente aplicado à indústria automobilística. Estabelece um processo baseado na divisão do trabalho e materializado em uma linha de produção, na qual as diferentes etapas produtivas se estabelecem em sequência lógica, buscando absorver os benefícios decorrentes da especialização do trabalho. O objetivo deste processo é a procura pela eficiência produtiva, coadjuvantes a ele são o papel da tecnologia e da melhoria técnica e a consequente redução dos custos, e eficiência na geração, apropriação, transferência e utilização da informação.

As modificações na produção fizeram-se sentir de maneira mais pronunciada em áreas específicas, cuja capilaridade imprimiu grande dinamismo ao processo econômico: “[...] o progresso técnico e as inovações em áreas como informática, telecomunicações e finanças, combinados com a liberalização de mercados e a remoção de restrições a operações internacionais, vêm contribuindo para a maior integração das economias nacionais” (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 180). Ademais, some-se a esta reflexão as facilidades decorrentes do acesso a mercados, facilitada pela logística de cargas refletida nos meios de transporte. Viabilizando a incorporação de fornecedores e consumidores, as melhorias nas comunicações e nos transportes são aliadas da divisão da produção, pois “[...] a diminuição radical do espaço, no sentido econômico do termo, é o efeito acumulado da redução dos custos e do desenvolvimento de novos meios de transporte” (OCAMPO, 2002a, p. 19). Mundo ‘menor’, mais fácil de ser conquistado.

O contexto econômico de fragmentação do processo produtivo, a divisão do trabalho e o aumento da eficiência técnica e tecnológica impuseram a busca por mercado consumidor. De nada adianta produzir, se não há quem consuma. Aliada à produção em massa, evidenciou-se a necessidade do consumo em massa ou em grande escala, resultantes não somente da busca por vantagens do ponto de vista econômico, como de processos de imposição cultural.

A lógica econômica tornou necessário o processo de busca por economias de escala em nível global⁷, estabelecendo “[...] semelhança crescente das estruturas de demanda, e na crescente homogeneidade da estrutura de oferta nos diferentes países” (BAUMANN, 1996, p. 34). Este processo acirra as relações, processos e estruturas em escala planetária e cria mercados consumidores sem algemas, estabelecendo um “[...] espaço único de comercialização” (BOISIER, 2005, p. 49), ao mesmo tempo em que estas mesmas razões são vinculadas a um múltiplo espaço para produção. Alguns críticos ao modismo que cerca o debate sobre globalização acreditam que o processo em curso contemporaneamente é ‘mais do mesmo’. Desse modo, atribui-se “[...] ares de novidade a acontecimentos e tendências que constituem a repetição, sob nova roupagem, de fenômenos às vezes bastante antigos” (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 129), tal como a procura por mercados consumidores e relações de dominação, tal como as estabelecidas em períodos coloniais ou imperialistas⁸.

A busca por mercados, fornecedores ou consumidores, passa a ocorrer em escala suficiente para tornar o processo de produção vantajoso em termos globais. Ocorre uma reviravolta na posição e nos posicionamentos dos agentes no mercado, ao mesmo tempo incluyente e excluyente. Escolhem-se os competidores aptos; elegem-se os vencedores; deixam-se os perdedores à própria míngua.

Apesar do fatalismo decorrente desta lógica econômica ou motivada por ela, está em curso um processo de globalização não somente em termos econômicos,

⁷ Obtém-se economia de escala com a “[...] produção de bens em larga escala, com vistas a uma considerável redução nos custos [...] [que] resultam da racionalização intensiva da atividade produtiva, graças ao empenho sistemático de novos engenhos tecnológicos e de processos avançados de automação, organização e especialização do trabalho. Seu elevado grau de especialização garante [...] maior uniformidade da padronização dos produtos. [...] não comportam mercados consumidores limitados. Sua existência está diretamente ligada ao consumo de massa, capaz de absorver em todos os níveis a produção em série” (SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 2002).

⁸ Há séculos bastava impedir o fluxo de água morro abaixo para estabelecer-se uma contingência territorial, que facilitava ou impedia o processo de dominação ou subordinação de um povo por outro. O critério geográfico de dominação – A contra B, pois A era diferente de B – foi palco para o estabelecimento de conflitos e conquistas ao longo de milênios. Mais recentemente, a força vem sendo substituída por outros processos mais sutis ou diáfanos de dominação, mas mesmo no século passado o conceito geográfico perdurou: I e II Guerra *Mundiais*, guerra *Irã-Iraque*, guerra da *Coreia*, guerra do *Golfo*. Ainda que os conflitos armados venham perdendo espaço, a globalização faz muito mais do que cortar a água morro abaixo; ela faz a água ‘correr morro acima’, ou seja, estabelece e obedece a uma lógica antes impensada de dominação por meio da cultura e da economia e não por meio da força. Ao invés de pré-determinar o conflito em termos geográficos e determinar a conquista de maneira absoluta, a globalização promove uma “desterritorialização generalizada” para suas ações, dissolvendo as fronteiras de maneira sutil e possibilitando a conquista e dominação de maneira invisível e silenciosa (IANNI, 1999, p.58).

financeiros ou produtivos – aquilo que é tangível, material e passível de troca –, mas também de valores, costumes, ideias, orientações normativas. Não é possível estabelecer os limites físicos para delimitação deste processo, mas estabelecem-se fronteiras inimagináveis – em termos de *tempo* e *espaço* – seja para a cultura, para a economia ou para a política.

É possível viver sozinho?: A abordagem econômica da globalização

Pior do que ser explorado pela globalização é não ser explorado por ela⁹.

Imagine-se em uma ilha deserta. Retire qualquer ideia idílica de romance – sequer uma companhia! – e o mínimo de conforto (nem sequer um simples pente). O que pareceria aventura vira pesadelo, que foi transformado pela indústria cinematográfica norte-americana em um filme chamado *Náufrago* (2000), produção estrelada pelo ator Tom Hanks. O personagem principal sobrevive a um acidente aéreo no meio do oceano e vive durante anos em uma ilha absolutamente deserta. Alguns pacotes que estavam no avião vão parar na ilha e seu conteúdo – botas de patinação no gelo, um vestido, uma bola – são os únicos artefatos com que o protagonista pode contar. Isolado em uma ilha, o protagonista vivencia uma total dissociação do mundo que lhe é (assim como também nos é) familiar. Ninguém pode ajudá-lo, nada pode ser adquirido ou obtido do exterior; viver e sobreviver só depende do próprio esforço, dos recursos naturais existentes e do pouco que acabou chegando pelo mar ao pequeno território. O personagem de Hanks alija-se, portanto, de qualquer efeito da chamada globalização econômica.

Náufrago representa um país isolado do contexto econômico internacional, no qual inexitem trocas entre nações diferentes. A economia nacional tem que caminhar “com as próprias pernas”, procurando obter o máximo dos recursos disponíveis sem poder dispor de mais nada. Ao isolar-se, o país também não interfere no contexto global¹⁰.

9 Paráfrase a Joan Robinson, a quem é atribuída a frase “[...] que só há uma coisa pior que ser explorado por capitalistas, que é não ser explorado por eles”, feita por Streeten (2001, p.78).

10 Na verdade, o fato do personagem de Hanks ter sobrevivido ao acidente e os percalços pelo qual ele passou não interferiram ou modificaram as atitudes tomadas pelos amigos e parentes: foi como se ele não tivesse ‘existido’ enquanto esteve vivo. Este ostracismo econômico também ocorre entre os países.

É possível “viver sozinho” quando consideramos o ambiente econômico? Existe autonomia da economia nacional? Há liberdade para implementação de políticas econômicas dissociadas do contexto externo? Cabe espaço para discutir ou questionar esta lógica econômica? É possível discutir estratégias para o longo prazo, posto que tudo possa mudar, ou aceitamos o fatalismo de estabelecer somente ações de curto prazo?

A especialização do trabalho e o subsequente aumento de produtividade, descritos e conceituados como fundamentais ao processo de detecção da natureza e causa da riqueza das nações¹¹, são bases para a ‘divisão internacional do trabalho’, que insere de maneira diferenciada nas nações no mundo, uma vez que “[...] a globalização e o progresso econômico avançaram de forma desigual, tanto em termos espaciais como temporais” (STREETEN, 2001, p. 77).

A procura por mercados consumidores ampliados ou pelo abastecimento de matérias-primas trouxe grande dinamismo nas trocas comerciais, mas não permitiu o aproveitamento de oportunidades de maneira homogênea entre as diferentes regiões. A globalização teria, portanto, “espaços a conquistar”: regiões que ficaram à margem deste processo, espaços da América Latina e África. Combinadas a outras regiões que já estão inseridas prontamente neste processo, com proeminência social, política ou cultural, não seria o caso de perguntar se esta expansão recente não traria reflexões já aplicadas ao processo de análise colonial? Será que não estão sendo retomados velhos processos e tendências, em curso há tempos?

A modificação na estrutura e no papel desempenhado pelo capitalismo durante o século XX foi adensada após a II Guerra Mundial. A contemporaneidade é caracterizada pelo acirramento dos processos de internacionalização das economias

11 Referência à obra de Adam Smith (1723-1790): *Uma investigação sobre a natureza e causa da riqueza das nações* (do original *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*, editado em 1776). Considerada uma das obras inaugurais do pensamento econômico – para alguns, uma das obras-primas –, ela apresenta ideias e conceitos fundamentais para a compreensão do mundo atual. A ideia de divisão do trabalho é uma delas: o trabalhador, ao invés de envolver-se com as diferentes fases do processo de produção, intercambiando ferramentas em etapas distintas da produção, passa a dedicar-se somente a uma delas. Obtém com isto maior destreza física e conhecimento, ampliando sua produtividade. O produto obtido, por meio da soma das diferentes fases do processo de produção, é maior do que a soma das produções individuais. Também são fundamentais as trocas – compra e venda de mercadorias e serviços – ao permitir o acesso aos bens necessários. A lógica subjacente pode ser ampliada a um mesmo processo produtivo, a um mesmo país ou a diferentes países. Neste caso, compõe a ‘divisão internacional do trabalho’, justificativa para a existência e para a defesa de benefícios advindos do comércio internacional. Questões econômicas e sociais, e particularidades institucionais, históricas e geopolíticas somam-se a esta divisão do trabalho para respaldar a inserção diferenciada das nações no mundo.

e interdependência nas áreas comercial, produtiva, financeira, institucional e com relação à condução das políticas econômicas nacionais (BAUMANN, 1996, p. 34-37). Ao longo deste século e adentrando no novo, pode-se perceber – ainda que pouco coubesse a fazer – a mudança no papel do Estado: anteriormente a prioridade do governo era a promoção do bem-estar social e manutenção do nível de emprego. Atualmente, cabe a ele ser veículo de transmissão da economia global para economia nacional, adaptando-se e transmitindo à sociedade as novas exigências do capitalismo internacional (IANNI, 1999).

Este entrosamento entre as decisões e condicionantes nacionais, e internacionais seria responsável, em última instância, pela instabilidade e pelo aumento da vulnerabilidade dos países. As decisões em âmbito interno tomam como cenário obrigatório o que acontece no plano internacional. Ainda que o peso do global seja muitas vezes superdimensionado, por motivos reais ou imaginários, a globalização

[...] por um lado, ajuda a mascarar a responsabilidade pelas opções e decisões dos governos, obstruindo a crítica das políticas públicas. Por outro, inibe a reflexão sobre as alternativas de que dispõem os países na definição de suas políticas econômicas, sociais e de inserção internacional, contribuindo para imobilizar as iniciativas nacionais (BATISTA JÚNIOR, 1998, p. 179).

Este medo da globalização não é infundado: há o temor de um “vale-tudo internacional” (DOWBOR, 1997, p. 10)¹², pois o aparato institucional ou regulatório ainda ocorre em base nacional. O que impediria os países de se lançarem numa corrida desenfreada em que a sobrevivência está nas mãos do mais rápido (mais lucrativo? mais poderoso?), na base do ‘vença o melhor’? Há chance de os competidores deixarem a disputa para se tornarem participantes? Por que esta busca desenfreada por chegar à frente, se podem chegar todos juntos? Podem as decisões ou atitudes nacionais levar à existência do bem-estar global?

¹² O autor refere-se ao esporte vale-tudo, luta na qual não há regras em busca da vitória. Constata a necessidade de instituições que cerceiem este comportamento, uma vez que ocorre uma dissociação perigosa entre “a rapidez do avanço das técnicas e a lentidão do avanço das instituições [que] nos coloca como que no comando de um imenso avião moderno, tendo no painel os modestos controles de um *fusca*” (DOWBOR, 1997, p.10, grifo do autor).

O bom aproveitamento das oportunidades geradas pela economia contemporânea interdependente demanda a geração de ‘bens públicos globais’¹³, enfatizando a interdependência existente entre as nações. Inclui o provimento de bens cujo consumo ou aproveitamento não exclui os demais agentes e cuja geração ocorre em escala global, ou seja, a “[...] paz e a justiça internacionais, o conhecimento humano, a diversidade cultural, a luta contra as pandemias internacionais, a sustentabilidade do meio ambiente [...], normas para regular as transações econômicas internacionais e a estabilidade macroeconômica e financeira mundial” (OCAMPO, 2002b, p. 314). Uma clara procura pelo aumento da equidade engloba também a promoção da cidadania em termos globais e a diminuição das diferenças ou polarizações (assimetrias) entre as nações.

Ainda que ocorram divergências entre atitudes, objetivos e ações locais, as consequências se estabelecem, de maneira interdependente, em nível mundial. Cabe um novo desafio à globalização: concatenar ou aprimorar a regência internacional, de modo a auxiliar na promoção do aumento no bem-estar mundial¹⁴. Por meio da cooperação internacional, minimizam-se as assimetrias ou divergências entre os países dado que os esforços nacionais precisam deste complemento institucional global, até porque a garantia de acesso muitas vezes passa pelo entendimento na instância internacional.

As assimetrias são responsáveis pelas diferenças no aproveitamento das oportunidades que se apresentam ao cenário internacional. A existência, permanência e divergência de comportamento entre os países – e em suas inserções internacionais – conduz a desigualdades internacionais na distribuição de renda.

As consequências e ao mesmo tempo causas destas assimetrias seriam a estabilidade econômica (que levaria a uma resposta mais ou menos pronta a problemas econômicos – ou seja vulnerabilidade e volatilidade das instituições e

¹³ O conceito econômico de bem público é bastante restrito. É um tipo específico de bem – produto ou serviço – que reúne duas características: é provido a todos – quer a pessoa queira ou não – e o consumo de um não exclui o consumo do outro – *grosso modo*, o fato de uma pessoa consumir um bem público não elimina o consumo de outra pessoa. Um exemplo é a defesa nacional: “quando uma nação protege sua liberdade e seu modo de vida, ela o faz pelos seus habitantes, queiram eles proteção ou não, paguem ou não por isto” (SAMUELSON, P.A.; NORDHAUS, W.D. **Economia**. Rio de Janeiro: McGraw-Hill, 2004. p.30.).

¹⁴ E também para o controle de ‘males públicos’, como a produção, comércio e consumo de drogas, terrorismo, extremismos religiosos e políticos, tráfico de armas e pessoas, corrupção, entre outros.

políticas econômicas), a geração, apropriação e aproveitamento dos benefícios tecnológicos, que ditam as regras da produção e o acesso a recursos financeiros. Os países também apresentam diferenças na quantidade e/ou qualidade do capital e da mão de obra, recursos produtivos que se movimentam e se transferem entre os países com características diferentes: a mobilidade rápida de capital – recurso produtivo abundante em termos relativos nos países mais desenvolvidos – e mobilidade lenta de recursos humanos – abundante em países de menor desenvolvimento. Esta dicotomia, no fundo geradora e retroalimentada pela segunda condição, colocaria parte dos países na condição de reféns do capital.

Ainda assim, as pretensões de promoção do desenvolvimento nacional dissociado do internacional têm conduzido a frustrações (IANNI, 1999, p. 45) que suscitam questionamentos, por exemplo, como a frase em epígrafe: “por que não conseguimos fazer parte do jogo?”. Apesar do contexto desigual em que as economias se desenvolvem “[...] a solução que não está disponível é a de deter a globalização do comércio e das economias” (SEN, 2000, p. 275). Não é possível abrir mão de participar de um mundo direcionado na busca pela eficiência e pelo aumento da produtividade, “[...] um mundo competitivo impulsionado pela grande revolução tecnológica que confere à tecnologia moderna uma vantagem economicamente competitiva” (SEN, 2000, p. 275). Caso contrário a alegoria do *Náufrago* passaria a fazer parte da realidade e não somente da ficção....

Ainda somos nós mesmos?: A abordagem cultural e social da globalização

O sol nunca se põe no império da Coca-Cola
e da MTV.

Sen (2000, p. 275)¹⁵

O objetivo do aprimoramento técnico ou tecnológico em curso, a partir do século XX, confundiu-se com suas próprias consequências, pois a divisão do trabalho e o modo de produção dominante conduziram a efeitos não somente

¹⁵ A idéia central contida nas palavras de Sen (2000, p.275) pode ser considerada uma paráfrase de palavras atribuídas ao Imperador Alexandre Magno: “o sol nunca se põe no Império Macedônico”. Ao contrário da conquista por meio de força, as empresas mencionadas – entre outras – dominam o mundo e representam um sustentáculo para a padronização de hábitos e costumes, e nas palavras de Sen (2000, p.275), representam o “poder esmagador da cultura e do estilo de vida ocidentais” sobre as demais.

econômicos. A existência (ou a procura) de economias de escala trouxe como implicação o estabelecimento de comportamentos típicos de mercado às relações sociais e culturais. Ocorre a 'mercantilização' em áreas em que o conteúdo próprio, particular, autêntico, era imperativo ou importante.

A racionalidade econômica, ao impor uma nova ordem produtiva baseada na produtividade, na produção em grande escala e no uso da máquina, resultou na despersonalização da produção e do consumo. As pessoas têm seu estilo de vida afetado, em todos os campos "[...] não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica". A materialização dos valores e o consumo de ideias sob a forma de bens materiais assumem "[...] uma crescente e finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História" (WEBER, 1967, apud IANNI, 1999, p. 72-73)¹⁶.

A lógica econômica estabelece o resultado contumaz da ampliação da produção: a necessidade de um mercado consumidor capaz de absorver aquilo que foi produzido. Quanto mais consumidores, compradores, melhor. Ao mesmo tempo em que ocorre a padronização no modo de produção a partir do século XX, assiste-se ao processo de padronização cultural¹⁷.

Ocorre a "pasteurização da cultura" ou a modificação de culturas locais e/ou nacionais, estabelecendo padrões técnicos e culturais homogêneos ou harmonizados, muitas vezes ditados a partir de países desenvolvidos para os demais. Uniformizam-se ideias, conceitos e percepções, dando margem ao surgimento de gostos, necessidades, vontades ou preferências similares, pois "[...] aos poucos, todas as esferas da vida social, coletiva e individual são alcançadas pelos problemas e dilemas da globalização" (IANNI, 1999, p. 36).

Mídias globais e estratégias midiáticas padronizadas buscam absorver a atenção e conquistar a decisão de consumo das pessoas do e no mundo todo. É

¹⁶ WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1967.

¹⁷ Ainda que em outro contexto histórico-político-religioso, alguns autores mencionam a importância simbolizada na Bíblia impressa por Guttemberg, no século XV, ao início do processo de divulgação de ideias em larga escala. Confrontando a ordem estabelecida, que relegava o 'monopólio' das letras às instituições religiosas, o invento possibilitou a divulgação utilizando-se da produção em série: a partir de 'tipos' móveis intercambiáveis que configuram o molde das páginas, foi possível a disseminação do conhecimento. Também cabe destacar o papel desempenhado pelo acirramento do fluxo de informações. O mundo inteiro pode, por meio das facilidades estabelecidas nas comunicações (sendo a Internet a principal representante), ter acesso a informações semelhantes, quase em tempo real. Aquilo que existe, pode ser conhecido, difundido ou aprimorado com o auxílio da tecnologia e das comunicações, democratizando o acesso de diferentes populações a conjuntos de informações similares.

notório o papel dos meios de comunicação social, sobretudo os 'ouvidos e/ou vistos', na difusão e padronização de ideias e pensamentos em escala global, massificando o tipo de oferta de programas e produtos culturais, e conduzindo à padronização da demanda. O 'ser diferente' não recebe espaço da mídia, a menos que 'pareça igual' ao que já existe, tal como velhas fórmulas repetidas em novas roupagens e programas. Esta uniformização não levaria a perda de valores e de identidades nacionais?

O que perpassa nossa imaginação é derivado da imagem televisionada ou da mensagem lida: aquilo parece 'existir', ainda que seja o nascimento de um ursinho polar em um outro país¹⁸. O que é materializado por meio de imagens, o que chama a atenção é aquilo que é divulgado pela imprensa (SANTOS, 2008). O restante 'não existe'. Ao alienar o indivíduo do contexto próximo, abre-se espaço para o desvio das atenções sobre aquilo que o afeta, sobre o 'local' e pode vir a aliená-lo do processo de mudança do ambiente ao qual pertence. Parece oferecer ao indivíduo a sensação de impotência, ao fazer com que as atitudes passivas e indiferentes diante do contexto internacional sejam replicadas no ambiente local.

Papel de destaque neste processo têm as agências de notícias internacionais. Ao invés de dispor de um repórter ou jornalista em cada canto do planeta, destinado à captação daquilo que pode ser de interesse dos leitores, ouvintes ou telespectadores, os veículos de comunicação adquirem conteúdos preparados ou pré-definidos por estas agências. Ao ler ou assistir a um noticiário, pouco espaço é dedicado a conteúdos genuinamente originais – a maioria parece uma repetição infundável daquilo que já foi apresentado no outro canal, jornal ou revista. Parece que as ocorrências 'globais', empacotadas pelas agências de notícias, são mais interessantes que as notícias locais. Entretanto, um furto na lanchonete da esquina

¹⁸ Esta citação faz referência ao nascimento do ursinho Knut, no zoológico de Berlim na Alemanha, em 5 de dezembro de 2006. O ursinho foi alçado à categoria de 'estrela' da mídia global ao simbolizar dos problemas derivados da interferência de humanos no comportamento natural e esperado dos animais. Rejeitado pela mãe após o nascimento, na natureza o bicho não teria condições de sobrevivência. Alguns ambientalistas defendiam o sacrifício do ursinho, que foi alvo de protestos em escala mundial. O nascimento e a presença do animal no *Zoologische Garten*, ampliaram a visitação e a receita do zoológico. As questões envolvidas com o (não) sacrifício do animalzinho deram margem a uma extensa gama de produtos com a temática do urso. A despeito desta preocupação ambiental notável e de repercussão internacional, poucos se interessam pelas causas da mortandade de peixes ocorrida no município ao lado. Este fato foi noticiado? Foi investigado? Foi 'abraçado' por alguma organização capaz de congregar esforços para revertê-lo? Foi, enfim, objeto de nossa preocupação, ou estávamos mais preocupados com o destino de Knut?

representa – do ponto de vista da geografia de nossas emoções – muito mais do que uma implosão de prédio condenado, realizada do outro lado do mundo.

Cabe ressaltar o papel da disseminação de padrões e valores de consumo em escala global. Notoriamente realizada pelos Estados Unidos, com a utilização do cinema (e da televisão e da música), este processo difundiu o *'american way of life'*, ou seja, o estilo de vida estadunidense. Por meio de algo sutil, quase imperceptível, a indústria cinematográfica foi (bem) utilizada para difusão da cultura, da sociedade e do estilo de consumo deste país. Não há consumo sem que haja conhecimento; depois de captar a atenção dos olhos na tela grande, foi fácil chegar até o bolso. Ainda que fosse originalmente destinado ao entretenimento, o cinema serviu de palco para imposição de culturas, para o estabelecimento de decisões de consumo, gosto ou preferência, com claros reflexos econômicos¹⁹.

A globalização inclui o fluxo de pessoas, de culturas que se recompõem, e ideias que “[...] não se dissolvem, mas recriam-se” (IANNI, 1999, p. 78). O entrosamento entre diferentes culturas, de maneira proposital ou implícita, abre espaço para alguns questionamentos: existe, na atualidade, alguma cultura literalmente autônoma? Faz sentido fazer referência à cultura local ou esta cultura entremeia-se de processos advindos e catapultados para o global? “Quantos de nós, no Brasil e em outros países de imigração, não somos o produto vivo desta fase globalizadora” que existiu no século XIX (RICUPERO, 2001, p. 37)²⁰?

Outro fenômeno inegável é o de ‘ocidentalização’ do mundo; o sobrepeso de culturas notadamente ocidentais e/ou de países desenvolvidos sobre as demais. Apesar de a literatura utilizar este termo, questiona-se se esta expressão corresponderia na realidade à dominação de fato das economias ocidentais ou

¹⁹ Outro elemento que colabora para a imposição de precedência perante os demais países é a permeabilidade do inglês como ‘língua franca’, reconhecida e utilizada para estabelecimento da comunicação entre os diferentes povos. Mesmo países que não o utilizam como língua materna, adotam-no para facilitar o contato com outros países, transformando o inglês em uma espécie de ‘denominador comum’ entre os idiomas. Reflexo do poder econômico e político dos Estados Unidos e do Reino Unido para o cenário internacional, facilita também o acesso a bens culturais e ao ideário dominante estabelecido por estes países. Estaria em curso a padronização também da linguagem?

²⁰ As migrações internacionais (voluntárias ou involuntárias, legais ou irregulares) viabilizam a exposição e o entrosamento de uma localidade a novos costumes, hábitos, tradições, idiomas, religiões, padrões estéticos. Por outro lado, este processo é tratado como uma questão sensível no que diz respeito à mão de obra e perda de renda dos trabalhadores nacionais; sintetiza uma ameaça que o imigrante impõe ao mercado de trabalho. O mundo parece absorver bem as ideias, os produtos, as empresas, a técnica e a tecnologia do estrangeiro, desde que o estrangeiro permaneça estrangeiro. Parece que se admite livre fluxo de ‘coisas’, mas não de pessoas.

somente das mais desenvolvidas? Seria uma nova roupagem ou reflexo do antigo colonialismo ou do imperialismo? Ainda que existam processos diferentes – cada país ou região incorpora à sua maneira culturas estrangeiras – trata-se de um processo eurocêntrico de imposição de “[...] padrões e valores sócio-culturais, modos de vida e trabalho, formas de pensamento, possibilidades de imaginação” (IANNI, 1999, p. 71), estabelecido inicialmente por meio da conquista de colônias. A plena execução deste projeto colonial levou à ocidentalização forçada das culturas locais, ao mesmo tempo em que impôs um processo de “[...] violência, [...] destruição, [...] escravidão, [...] extorsão feroz das Américas, da África, da Ásia e da Oceania” (RESENDE, 1997, p. 31). Ao contrário da economia – quando um modo de produção supera quantitativa ou qualitativamente o anterior –, “[...] as tradições perdidas podem fazer muita falta” (SEN, 2000, p. 276).

Modifica-se o que se entende por sociedade. Temos, de fato, uma sociedade global? Como identificar o que é próprio ou original da sociedade, sem considerar a importância ou influência do global? A globalização modifica a compreensão do que é sociedade ou abre espaço para um novo objeto de estudo – a sociedade global?

Por fim, cabe ser destacada a ideia de ‘globalização de valores’ que contempla a profícua disseminação de valores éticos globais, tais como a preocupação com os direitos humanos, civis e políticos, bem como econômicos, sociais e culturais. Este processo de entrosamento da sociedade civil com a busca por direitos é notadamente benéfico, assim como é a procura por melhorias na administração dos negócios públicos. A comunidade e a opinião pública podem reprimir ou disciplinar a implantação de estratégias de desenvolvimento não sustentado de longo prazo – quer ambiental ou socialmente, por meio de práticas internacionalmente inaceitáveis ou repreensíveis (OCAMPO, 2002a, p. 23).

Ocorre, pois, ao mesmo tempo, a busca pelo ‘direito a ser igual’ – a ausência de distinção ou favorecimento devido a questões de gênero, raça, credo ou origem, por meio da conquista de direitos humanos frente aos semelhantes e ao Estado – e a conquista da legitimidade ‘em ser diferente’, ao se valorizar elementos próprios ou únicos em termos culturais, sociais, étnicos, históricos ou geográficos. Caso contrário, a padronização corre o risco “[...] de converter o rico diálogo de culturas num monólogo” (OCAMPO, 2002a, p. 23). Que a humanidade, bebendo Coca-Cola, poderia, muito bem, assistir na MTV....

Considerações finais.

Não devemos rejeitar a globalização; devemos corrigir seu protocolo.

Rodrik (2002b, p. 281)

Este capítulo foi iniciado com uma conceituação singela sobre a globalização e também termina com uma referência simples: “[...] a realidade evolui mais rapidamente do que nossa capacidade de sistematizar a sua compreensão” (DOWBOR, 1997, p. 9). Estamos diante de uma fatalidade: a certeza de que o mundo muda. Mas de que maneira o sujeito muda?

Para tentar ampliar esta compreensão, recorre-se, uma vez mais, ao cinema hollywoodiano. O filme *Amor Eletrônico* (1957) é ambientado em uma rede de TV dos Estados Unidos. Em um dos andares da empresa há um departamento de pesquisas dedicado ao esclarecimento de dúvidas. Pessoalmente ou por telefone, o conjunto de atendentes sempre solícitas, muitas vezes, responde aos questionamentos feitos sem consultar os livros e fichários existentes. Em determinado momento do filme, as atendentes são apresentadas a um computador, no filme chamado de ‘cérebro eletrônico’, que sintetiza toda a informação que durante anos foi acumulada em livros, pastas e mentes. Ele disponibiliza a informação requisitada em menos tempo e o conhecimento das funcionárias que garante e mantém seus empregos, parece tornar-se supérfluo.... Mas o filme termina com a mensagem de que as personagens do setor de pesquisas irão conviver pacificamente com a máquina, pois o conhecimento das pessoas é insubstituível.

Bem se sabe que o computador vem substituindo cada vez mais o ser humano em diferentes atividades. Embora seja ressaltada a ideia de que a utilização de computadores imprime melhoria na vida das pessoas, das empresas e dos países, a pequena felicidade das funcionárias ficou relegada à década de 1950. Os fatos reais, contudo, não são tão românticos como os apresentados no filme.

A realidade do século XX é diferente da atual. Apesar de não ser possível compreender com exatidão os motivos que conduziram a humanidade até as condições presentes, sabe-se, ao menos, que vivenciamos um mundo diverso. Fazemos parte – ativa ou passivamente – do acirramento das condições impostas pela globalização. Sem conhecer ou compreender seus múltiplos efeitos, muito pouco pode ser feito para retardar seus efeitos e consequências. Não é possível

fugir do seu domínio, e “[...] a resistência a qualquer processo tão poderoso quanto a atual globalização acaba fracassando” (OCAMPO, 2002b, p. 313).

O efeito de algo que veio de fora, mas que na realidade é fruto de todo o contexto em que vivemos – tal como o computador mencionado no filme –, perpassa a realidade já constituída e amplia horizontes, e é característico deste processo de globalização. Suas consequências não são conhecidas, reconhecíveis ou nem mesmo evitáveis. Não se pode confirmar quais são os impactos e consequências sobre as relações humanas – sejam elas sociais, econômicas, políticas ou culturais. Ocorre a “[...] mundialização do produto, do dinheiro, do crédito, da dívida, do consumo, da informação.” (SANTOS, 2008, p. 30). Estas várias mundializações, enquanto percepção e assimilação, alteram situações já estabelecidas e tudo aquilo que porventura parece familiar.

Ainda que não seja possível fugir do processo de globalização, o impacto e as consequências do transcorrer do processo não são similares aos governos, empresas, organizações da sociedade civil, mídia, indivíduos, pois a “[...] dinâmica do processo de globalização é determinada, em grande parte, pelo caráter desigual dos atores que participam de sua formação” (OCAMPO, 2002a, p. 17).

A sucessão de impérios e dominações políticas, motivadas ou não pelo acirramento das condições econômicas, a busca do poder e a sujeição dos vencidos à cultura, religião e organização social dos dominantes têm espaço há milênios. Aos vencedores, a dominação (ainda que temporária) dos vencidos. As melhorias e os benefícios deste processo histórico sempre têm divisão desigual, incorporada e apropriada de maneira desproporcional. Não seria própria do processo de globalização a detecção de vencidos e vencedores? Embora não se destine a todos, este processo é considerado, no presente, gerador de desigualdades que, no futuro, serão potencialmente maiores. Retiram-se da lista de beneficiários alguns indivíduos, povos, continentes. Excluem-se culturas, religiões e sociedades da mesma maneira que se esmagam ocupações, empresas e produtos. Este é o ‘protocolo’, referenciado em epígrafe, que a própria globalização poderia modificar...

Enfim! A geografia não é ‘supérflua’ quando se trata do assunto globalização; o ‘espaço’ é meio e fim, ponto de partida e chegada de todas as suas consequências. “O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão

como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares²¹".

Referências

AMOR ELETRÔNICO. Direção de Walter Lang. Produção de Henry Ephron. Roteiro de Henry Ephron, Phoebe Ephron, William Marchant. Trilha Sonora de Cyril Mockridge. Supervisão Musical de Lionel Newman. Estados Unidos: 1957. 1 DVD (103 min). (Distribuição: Fox Home Entertainment. [DESK SET]).

BATISTA JÚNIOR, P. N. Mitos da globalização. **Estudos Avançados**, v.12, n.32, p.125-186, 1998.

BAUMANN, R. Uma visão econômica da globalização. In: BAUMANN, R. (Org.). **O Brasil e a economia global**. Rio de Janeiro: Campus: SOBEET, 1996.

BOISIER, S. ¿Hay espacio para el desarrollo local en la globalización? **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, v. 86, p.47-62, ago. 2005.

DIAS SOBRINHO, J. **Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

DOWBOR, L. Globalização e tendências institucionais. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P. E. A. **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

IANNI, O. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IANNI, O. Globalização: novo paradigma das ciências sociais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.8, n.21, p.147-163, 1994.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NÁUFRAGO. Direção de Robert Zemeckis. Produção de Robert Zemeckis, Tom Hanks, Jack Rapke, Steve Starkey. Roteiro de William Broyles. Trilha Sonora: Alan Silvestri. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2000. 1DVD (143 min), bilíngue: inglês, russo. (Distribuição: Paramount. [CAST AWAY]).

OCAMPO, J. A. (Org.) **Globalização e desenvolvimento**. s.l.: CEPAL, 2002a. Capítulo 1, p.17-27: O caráter histórico e multidimensional da globalização.

²¹ SANTOS, M. **A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo**. Conferência de abertura do Encontro Internacional *O novo mapa ao mundo*, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1º set. 1992; apud Ianni (1994, p.156, grifo nosso).

OCAMPO, J. A. Globalização e desenvolvimento. Artigo apresentado no seminário "Novos rumos do desenvolvimento no mundo", organizado pelo BNDES, Rio de Janeiro, 12 e 13 de setembro de 2002b. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_debate/1-DesenvGlob.pdf. Acesso em: 14 jun. 2009.

RESENDE, P. E. A. A federação como alternativa democrática nas relações entre as nações. In: DOWBOR, L.; IANNI, O.; RESENDE, P.E.A. **Desafios da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

RICUPERO, R. **O Brasil e o dilema da globalização**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

SANTOS, M. **Por um outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SARAMAGO, J. **Chega-se mais facilmente a Marte...** Discurso proferido no Palácio Real de Estocolmo, quando do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 10 de dezembro de 1998. Disponível em: <http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/>. Acesso em: 18 maio 2009.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STREETEN, P. Globalização: ameaça ou oportunidade? In: ARBIX, G.; ZILBOVICIUS, M.; ABRAMOVAY, R. **Razões e ficções do desenvolvimento**. São Paulo: Editora da Unesp; Edusp, 2001.